

A PRESSÃO DE GÊNERO SOB A MULHER CHILENA: A PERSPECTIVA DE ANA, DA SÉRIE *LOS 80*

THE GENDER PRESSURE UNDER WOMAN IN CHILE: THE PERSPECTIVE OF ANA, OF THE TV SHOW'S *LOS 80*

Por Beatriz de Souza Bravo*

Resumo: Na ditadura chilena, o governo proferia um discurso opressor às mulheres, reafirmando seu papel de donas de casa, negando-as o mercado de trabalho, os estudos, a liberdade. Ana Herrera, personagem fictícia da série televisiva *Los 80, más que una moda*, entra em conflito com esse discurso nas temporadas estudadas, a terceira e a quarta, questionando-se entre colocar seus filhos em posição central e única em sua vida, ou investir também em si mesma, ao trabalhar em uma loja que vende eletrodomésticos. Contudo, na quarta temporada, o exílio de sua filha mais velha determina outro trajeto para sua vida. Esses dilemas vivenciados por ela, e a posição que a mulher era inserida no Chile naquele momento serão estudados neste trabalho.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Chile. Mulher. Audiovisual.

Abstract: In the Chilean dictatorship, the government had an oppressive speech to women, reaffirming their role as housewives, denying them the jobs out of the houses, studies, freedom. Ana Herrera, a fictional character in a television show called *Los 80, más que una moda*, conflicts with this speech in the seasons three and four, questioning between putting their children in a central and unique position in their life, or investing also in itself, while working in a store that sells home appliances. However, in the fourth season, the exile of his oldest daughter determines another way for his life. These dilemmas experienced by her, and the position that the woman was inserted in Chile at that moment will be studied in this work.

Keywords: Military Dictatorship. Chile. Woman. Television.

Introdução

Entre 2008 e 2014, foi exibida no Chile a série televisiva *Los 80, más que una moda*, que mostrava o cotidiano de uma família de classe média, os Herrera, em meio a década de 1980, em que havia no Chile uma violenta ditadura militar. O autor da obra, Andrés Wood,

* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

deseja mostrar como o contexto político afetou o dia a dia dos chilenos. A família é composta por Ana e Juan, que são casados e tem quatro filhos: Cláudia, Martín, Félix e Anita. A obra, que é produzida no contexto de comemorações do bicentenário de independência chileno¹, faz grande sucesso no país, demonstrando aos telespectadores como era aquele período de exceção. O objetivo do artigo é discutir o enredo de Ana Herrera, nas temporadas 3 e 4, em que há o pico de audiência da obra televisiva e que a personagem tem forte protagonismo.

O regime militar, vigente entre 1973 a 1990, dirige às mulheres um discurso machista e conservador, enfatizando o patriarcalismo existente, ao enquadrá-las onde fosse favorável à reconstrução nacional objetivada por eles. Ana Herrera, a protagonista da série televisiva, é uma mulher que inicialmente se encaixa nos padrões ditatoriais. Ela é dona de casa e dedica seus dias para cuidar dos filhos e marido. Todavia, sua condição vai oscilar durante as temporadas de *Los 80*, e na terceira temporada a mesma começa a trabalhar fora de casa a contragosto do esposo, em uma loja de eletrodomésticos.

A pesquisa sobre a temática das mulheres é contemporânea e necessária. Até o século XIX, elas eram excluídas da história, e no final do século XX, ainda que houvesse o estudo, ainda era insuficiente. Por muito tempo a história foi contada pela ótica masculina e predominantemente sobre homens². Isso ocorria pois o estudo era pensado por um viés puramente político, e na maioria das vezes esse espaço era negado às mulheres³. As cidadãs, oprimidas em suas casas, eram apagadas do enredo historiográfico.

Nas décadas de 1960 e 1970, há dois eventos importantes que irão combater essa condição: primeiramente, há uma renovação historiográfica que defende entender os acontecimentos históricos por outras óticas além da política. Essa modalidade de pesquisa visa outros campos de estudo, como o cotidiano. A partir dessa abordagem a mulher vai ganhando, aos poucos, certa abertura enquanto temática de pesquisa; Ademais, nesse contexto ressurgem o movimento feminista que, além de lutar pela emancipação feminina, conjuntamente reflete sobre a história das mulheres⁴.

Compreendo que as mulheres foram centrais em inúmeros momentos ao longo da história, e estudá-las, mesmo que seja na vida cotidiana, é conhecer os projetos políticos e a sociedade de determinados momentos. Além disso, as mulheres foram protagonistas de sua própria história, principalmente na luta por direitos de gênero mundo afora, como por exemplo, na conquista do voto feminino. Para desconstruir a sociedade machista e uma

1 O período de preparação das comemorações do bicentenário da independência chilena foi um momento de reflexão sobre o passado do país, por meio de projetos sobre memória e história. Nesse contexto, por exemplo, foi construído o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, inaugurado em 2010, com o objetivo de refletir sobre a violação dos direitos humanos durante a ditadura. O intuito de Andrés Wood, criador da série *Los 80*, era discutir a década de 1980 no país, de grandes mudanças decorrentes do projeto neoliberal, que são perpetuadas na democracia.

2 Kirkwood, 1982, p. 2.

3 LUNA, 1994, p. 29.

4 No final do século XX, as mulheres, em contexto de movimentos de contracultura predominantemente nos Estados Unidos e Europa Ocidental, se organizam na considerada “segunda onda feminista”, almejando o fim da opressão sofrida pelas mulheres. Este movimento influencia inúmeras lutas de cidadãs, inclusive na América Latina, que questionam em certa medida a sociedade patriarcal em que estão inseridas. (PINTO, Céli R. J, 2010, p. 15.)

“história dos homens”, vigente há séculos, é necessário entender onde estavam as mulheres nesses momentos. Nesse artigo, irei demonstrar a importância e centralidade das cidadãs chilenas na ditadura militar. Mesmo que elas fossem “invisíveis” no mundo político, eram uma importante ferramenta para o êxito do regime. Dessa forma, entender o protagonismo das mulheres na ditadura militar é compreender o projeto social e político – e até econômico – que os governantes almejavam.

Além do cotidiano e do estudo do gênero feminino, essa renovação historiográfica defende também a obra audiovisual enquanto fonte histórica, gerando trabalhos metodológicos sobre como estudar o cinema. Marc Ferro está presente nesse processo e, além de defender a importância do filme enquanto documento histórico, define que é importante analisar o mesmo para além do que se observa na tela. Ele argumenta que a obra audiovisual é consequente também do contexto histórico em que é produzida, que influencia na abordagem e na representação que o autor dá ao produto audiovisual⁵.

É a partir da segunda metade do século XX que o filme é entendido não mais como a própria realidade, e sim uma representação da mesma⁶. O produtor Andrés Wood cresceu durante a ditadura chilena, e considera o período central para a compreensão do Chile do século XXI. O neoliberalismo, imposto nos âmbitos social, cultural, econômico e político, gerou uma sociedade individualista no Chile, e Wood busca retratar esse processo, e as debilidades do modelo. Nas temporadas 3 e 4, há a representação do “renascimento” dos protestos de rua, consequentes das crises do modelo neoliberal. Em 2006, em democracia, ocorria a Revolta dos Pinguins no Chile, em que estudantes se manifestavam contra as heranças da ditadura no sistema educacional. A partir dessa relação, é perceptível os pontos em comum retratados em *Los 80* e na sociedade espectadora da série. Essa conjuntura leva a obra a ter grande audiência, e a temporada 4 é a que fez mais sucesso no país.

Nas temporadas analisadas, a produção audiovisual retrata entre os anos 1984 e 1986, período em que os chilenos se recuperam das crises econômicas consequentes da implementação do projeto neoliberal. Destaco a trajetória de Ana Herrera, que estava evoluindo profissionalmente em seu emprego, que conquistou após muitas discussões com Juan, seu marido. Entretanto, a mãe de Félix oscila entre buscar sua independência e decidir voltar a ser dona de casa para cuidar de seus filhos, por motivos externos que serão detalhados no artigo.

Dessa forma, o seguinte trabalho discute o enredo de Ana, por meio da análise da sua trajetória nas temporadas três e quatro, entre 1984 e 1986. Para isso, irei revelar a evolução feminina no Chile, e a construção do papel das mulheres pela ditadura militar, para compreender a personagem no período definido.

O discurso militar chileno para as mulheres

A ditadura militar chilena inicia-se no ano de 1973, em um contexto de guerra fria e inúmeras ditaduras na América Latina. Com o bombardeio do palácio presidencial *La Moneda*, há a derrota forçada do sonho socialista representado pela coalizão da Unidade Popu-

5 FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, 2 edição, p. 87.

6 KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 20.

lar. Ao se estabelecerem no poder, os militares queriam refundar o país latino, objetivando que o Chile nunca mais chegasse ao estado político, econômico e social que estava⁷. Para isso, usaram duas principais estratégias: a repressão política e a liberalização econômica.

Para impor um projeto ideológico que combatesse o marxismo, os militares basearam-se na Doutrina de Segurança Nacional. Ela legitimava a coerção utilizada pelo aparato repressivo, que tinha como propósito eliminar os “inimigos da pátria”⁸. Ademais, o controle da mentalidade dos chilenos era muito importante para a Junta Militar e, nesse sentido, as mulheres eram a figura central para eles.

Os militares reforçaram a condição opressora à mulher vigente no mundo, ao discursar à cidadã chilena como a mãe e esposa, que tinha a responsabilidade de criar a futura sociedade. Por isso sua centralidade, já que para o êxito do projeto ditatorial era exigido que a educação das crianças fosse feita de maneira coerente aos ideais militares. Às mulheres, era dirigida uma dupla violência: a de gênero e a física. Ao ser inserida na concepção mulher-mãe-esposa, a cidadã era oprimida no espaço privado do lar, sem chances de escolher seu próprio futuro. Essa imposição é coerente ao país patriarcal que o Chile era. No entanto, as chilenas já haviam obtido algumas conquistas no caminho da sua liberação⁹ e isto, somado à crise econômica de 1982, iria chocar-se com o discurso que o regime queria impor.

O Chile era organizado a partir de uma “tradição patriarcal latino-americana”¹⁰, que ditava à mulher um papel subordinado ao homem, sem liberdade sobre suas decisões e seu corpo, que deveria viver para casar e, quando o fizesse, seria para cuidar de seus filhos e marido. Essa concepção é reafirmada pela sociedade burguesa, que diferencia o homem e a mulher, justificando a superioridade do primeiro sob a segunda por meio da biologia¹¹. A mulher, mais sensível, com a função reprodutora, deve ficar no lar, perpetuando seu papel materno, zelando pela família e o futuro de seus filhos. Já ao homem é destinado o trabalho fora de casa, sustentando a família.

Ademais, a autora Silvia Federici, no livro *O Calibã e a Bruxa*, defende que a subordinação feminina não é apenas uma questão cultural, mas uma “especificação das relações

7 O governo da coalizão da Unidade Popular, que se agrupou na candidatura de Salvador Allende, tinha em seu principal propósito levar o Chile ao socialismo por vias democráticas. No ano de 1973, o país vivia uma grave crise de abastecimento, provocado pelo boicote estadunidense e de empresários nativos à economia chilena. Ademais, o território estava dividido politicamente, entre os que apoiavam o presidente socialista e os que tinham pavor que o Chile virasse uma “nova Cuba”. Essa situação foi encerrada pelos militares, que impuseram uma sangrenta ditadura militar. (WINN, 2009, p. 133)

8 BORGES, Nilson. “A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil republicano: O Tempo da Ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. VOL 4, pp. 13 - 42. Página 29.

9 No governo do presidente Eduardo Frei (1964 - 1970), os métodos contraceptivos tornaram-se assunto da saúde pública, e eram distribuídos gratuitamente para as mulheres. Ademais, o programa de educação sexual é incorporada enquanto ensino obrigatório. Contudo, a ditadura militar extingue essas políticas sexuais, e contribui para o aumento de desinformação de mulheres sobre seu próprio corpo, a mercê de políticas masculinas. (VALDÉS, 1990, p. 14)

10 VALDÉS, Teresa. **Las mujeres y la dictadura militar en Chile**. Chile : FLACSO, 1987.

11 SOIHET, R. O corpo feminino como lugar de violência. Projeto História, São Paulo, v. 25, p. 269289, 2002. Página 14.

de classe”¹². Para a maximização dos lucros, era fundamental a mão de obra desempenhada pelas mulheres, doméstica e não remunerada, pois “produzia a força do trabalho”¹³. Seu trabalho – que não era visto como um ofício, e sim algo natural para ser desempenhado pelo gênero feminino – não assalariado permitia e proporcionava a exploração da mão de obra masculina¹⁴. Além disso, a mulher também era responsável pela função reprodutora¹⁵, gerando a força de trabalho. O corpo feminino pertencia ao Estado, e se enquadra na esfera pública¹⁶.

Federici argumenta, então, que a “dominação masculina é baseada no poder que o salário confere aos homens”¹⁷. Entende-se, portanto, porque Juan Herrera se sente tão ofendido quando sua esposa trabalha fora do lar, já que inconscientemente o patriarca percebe que não domina em totalidade sua casa.

A partir dessa construção exclusiva são separados os gêneros em dois âmbitos: o privado e o público, designados respectivamente à mulher e ao homem. Essa divisão é importante, segundo o raciocínio da sociedade machista, para a harmonia do lar e da população, sendo vital que cada um cumpra seu papel.

Ademais, cada vez que uma mulher tenta questionar essa divisão há uma reação do Estado e da sociedade, que tentam colocá-la em seu lugar por meio da violência. Por isso, mulheres adquiriram direitos femininos a custo do próprio sangue. No Chile, antes do golpe de 1973, as cidadãs chilenas tinham o direito de votar – uma de suas maiores conquistas –, mas ainda estavam longe de alcançar a plena liberdade. O Código Civil, implementado em 1855 – e revogado apenas em 1989 – é um exemplo dos entraves que sofriam as mulheres, já que ele determinava que a cidadã chilena era subordinada à autoridade do marido, e era obrigada por lei a obedecê-lo. Enquanto isso, o homem só tinha o dever de cuidar da mesma¹⁸. Isso retirava qualquer possibilidade de individualidade e independência da mulher, que era institucionalmente subordinada ao homem.

A ditadura militar utiliza uma ideologia conservadora, baseada no bem da família – mãe, pai e filhos –, composta a partir de homens “autoritários, provedores e patriarcais”¹⁹, espelhando o Estado autoritário e paternalista chileno daquele momento. Assim, o regime objetivava a despolitização das mulheres²⁰, para as mesmas, ao terem filhos, criarem cidadãos sem posições políticas e gerar a sociedade que aspiravam, de modo a afastar ideologias de esquerda do Chile. Essa condição da chilena era vista pelos militares como natural e vo-

12 FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Syco-rax. São Paulo: Elefante, 2017.

13 FEDERICI, 2017, p. 12.

14 FEDERICI, 2017, opt. cit.

15 FEDERICI, 2017, p. 34.

16 FEDERICI, 2017, opt. cit.

17 FEDERICI, 2017, p. 12.

18 VALDÉS, Teresa. Mujeres y Derechos Humanos: Menos Tu Vientre. 1991. **Estudios Sociales**, No 8. Santiago: Flacso. Página 11.

19 GARRAO, Andrea Z. **La Mujer como sujeto de la violencia de género durante la dictadura**. Santiago, 2006.

20 GARRAO, 2006, Página 13.

cacional.

Junto à repressão política e a coerção feminina, o regime implementou a liberalização econômica, por meio do projeto neoliberal. Essa doutrina econômica chegou ao Chile por meio dos Chicago Boys²¹, que defendiam sua missão de tirar o país do caos econômico, vigente desde a década de 1930, conseqüente do excessivo estatismo econômico, agravado com o regime da Unidade Popular²².

Segundo o autor Manuel Chateau, um dos objetivos do governo era modernizar o país, e essa foi a estratégia traçada, a partir da doutrina neoliberal: política de créditos, privatização de empresas estatais, reforma educacional, da saúde e da previdência. A política de créditos era feita por meio da liberalização de empréstimos pelos bancos chilenos a cidadãos e empresas. Isso era possível por causa dos créditos a juros baixos concedidos pelos bancos dos Estados Unidos. Essas políticas neoliberais, executadas primeiramente por meio dos shocks neoliberais, e depois por uma implementação total do projeto, em 1978, geraram uma recuperação da economia chilena a partir do fim da década de 1970. Os militares utilizaram essa melhoria econômica a seu favor e, por meio de propagandas governamentais, caracterizaram esse período como milagre econômico²³.

O fenômeno supracitado é encerrado no ano de 1982 por uma grave crise cambial²⁴, que deixa como resultado bancos falidos, inúmeros desempregados e descontentamento com o regime, gerando uma década de 1980 de manifestações em oposição ao regime, ganhando gradativa força na segunda metade do período. No fim de 1985 e início de 1986, o país passa do pior período da crise, e o governo volta a implementar reformas estruturais neoliberais e uma política de recuperação econômica. É nesse momento, até o fim do regime, que há a segunda onda de privatizações²⁵.

A terceira temporada da série *Los 80* inicia-se nesse contexto, em um Chile com manifestações de oposição e crises econômicas. Já a casa dos Herrera está em harmonia. Ana cuida de Anita, sua filha de quase um ano de idade. Ela é dona de casa, e dedica sua vida para cuidar dos quatro filhos e do marido²⁶. Cláudia está na faculdade de medicina, onde tem

21 Os Chicago Boys eram economistas da Universidade Católica do Chile que, a partir de um convênio com a Universidade de Chicago, estudavam economia com teóricos neoliberais, como Milton Friedman, uma das lideranças da Escola De Chicago. Para eles, a Unidade Popular no poder era um “pesadelo”, já que isso os distanciava da implementação de um projeto neoliberal. (CHATEAU, 2012, p. 154.)

22 CHATEAU, Manuel Gárate. **La revolución capitalista de Chile (1973-2003)**. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2012.

23 CHATEAU, 2012, p. 221 e 222.

24 A crise cambial é conseqüente da maneira que os militares conduziam a economia chilena - sem regulação estatal - e da crise estadunidense. O crescimento econômico chileno dependia dos bancos dos Estados Unidos, que tinham uma política de crédito a juros baixos com o país do cone sul. Entretanto, com a crise do petróleo de 1979, os Estados Unidos entram em recessão econômica e finalizam os empréstimos a baixas tarifas, aumentando os juros para os bancos chilenos, que vão falindo um a um. A situação dos bancos prejudica as empresas chilenas, e o desemprego aumenta substancialmente no Chile. (CHATEAU, 2012, p. 289).

25 CHATEAU, 2012, p. 254.

26 É importante destacar o histórico da personagem nas duas primeiras temporadas: No início da primeira temporada, a mãe de Félix não trabalha fora de casa, e fica em casa cuidando da família e do lar. Contudo, após a crise de 1982 que atinge inúmeras empresas, inclusive a de Juan, o mesmo fica desempre-

contato com grupos de estudantes opositores à ditadura; Martín está estudando para entrar na faculdade de Educação Física; Félix vive a adolescência; E Juan está feliz trabalhando em sua própria loja de roupas masculinas.

Ana e Juan agem de acordo, pelo menos nesse momento, com o que o patriarcalismo e a ditadura militar impõem a seus cidadãos. A mãe no espaço privado, cuidando dos filhos e do marido, e o pai no espaço público, levando o sustento à casa. Ambos não permitem que se discuta política em casa – tentando criar filhos apolíticos que não se envolvam com o regime –, e por mais que não apoiem a violência estatal, respeitam o governo de Pinochet.

As circunstâncias mudam: O terremoto chileno e a reinserção de Ana no mercado de trabalho

No início da terceira temporada, há um terremoto de escala elevada no país estudado, e a casa onde vive a família Herrera sofre com os tremores. Visto isso, e sabendo que o salário de Juan não conseguiria cobrir o prejuízo sofrido, Ana busca um emprego temporário em uma loja de eletrodomésticos, arrecadando dinheiro para o lar. O trabalho que a mesma adquire é ainda muito “adequado” aos padrões patriarcais, vendendo produtos de cozinha para outras mulheres.

A indústria de eletrodomésticos era um mercado em expansão. As mulheres eram importantes compradoras, e as empresas buscam esse grupo consumidor. Entre 1977 e 1981, há o crescimento da produção do artigo supracitado em 134,7%, enquanto a produção industrial geral aumenta em 12,8%²⁷. Ainda que haja a crise econômica – que diminui o poder de compra dos chilenos –, o mercado de eletrodomésticos continua se expandindo. Ana, por saber comunicar-se com o público alvo de compra deste produto – mulheres, em sua maioria –, se destaca na loja.

A inserção feminina no mercado de trabalho mantinha o discurso biológico de divisão dos sexos. Para a mulher, restavam serviços femininos, como secretária, doméstica, vendedora de produtos femininos. Ademais, estes eram serviços mal remunerados. E caso a funcionária trabalhasse em um local considerado masculino – o que era, nesse momento no Chile, uma exceção –, ganhava muito menos que eles. O país estudado tinha em sua estrutura uma divisão que oprimia as mulheres, do ambiente público – política, trabalho, estudo – e o privado – o lar –, e essa imposição gerava consequências para as mulheres no mercado de trabalho. Tal diferenciação constitui uma “divisão social do trabalho”, onde havia uma fragmentação alienante do ofício: o “manual” em contraste com o “intelectual”²⁸, negando às mulheres a especialização científica por meio do estudo, já que o seu trabalho, mesmo no gado. A matriarca entende que precisa trabalhar para ajudar as contas de seu lar. Isso desagrade o marido, mas Ana percebe-se extremamente realizada e independente no ofício fora de casa. Na segunda temporada, ela engravida, e decide voltar a seu papel de dona de casa para cuidar exclusivamente dos filhos. A terceira temporada inicia-se nesta situação: Ana em casa cuidando de Anita e do lar. Ela está inserida novamente no papel em que se encontrava na primeira temporada, e seguindo o roteiro que a ditadura chilena queria impor à mulher.

27 Palestro, Sandra. *Mujeres en movimiento*, 1973-1989. 1991. Santiago: FLACSO, p. 13.

28 KIRKWOOD, 1983, p. 15.

espaço público, era direcionado a algo manual, menos pensante, menos especializado. Elas, ao serem colocadas em posição secundária e subordinada²⁹, em um contexto ditatorial, conservador e machista, tem um longo caminho a ser percorrido para sua liberalização.

Desde a formação capitalista a mulher é relegada a mão de obra barata, mesmo em jornadas de trabalho exaustivas. As cidadãs têm dificuldade não só em obter empregos considerados masculinos – intelectuais –, mas também em ter uma remuneração justa. No caso deste artigo, a temática foca nas mulheres de classe média, que nas décadas de 1970 e 1980 tem uma maior inserção no mercado de trabalho³⁰ – causados pelos choques neoliberais e as crises econômicas do período, onde as mesmas buscam o ofício para completar a renda do lar. Entretanto, desde a revolução industrial as mulheres pobres trabalham, em condições precárias. Além disso, a maioria das mulheres inseridas no mercado de trabalho ainda sofrem a dupla jornada do ofício, que será detalhada ao longo deste artigo.

Ao destacar-se no trabalho, é oferecido a Ana por sua chefe uma vaga efetiva como vendedora. Ela se interessa pela oportunidade, mas deve refletir sobre sua saída de casa para trabalhar, já que Anita tem apenas um ano de idade. Sua vizinha, Nancy, diz a ela que conhece uma babá confiável, e Ana resolve aceitar o emprego e deixar Anita com a cuidadora. A partir dessa decisão, ela tem que lidar com Juan e Félix, que se desagradam com a sua escolha, e não entendem o porquê dela querer trabalhar, já que o pai de Martín tem sua própria loja. Na concepção de ambos, de homens, criados com a mentalidade de uma sociedade estruturalmente machista, o emprego só faria sentido por motivos financeiros, e uma razão além dessa não faria sentido. Para Ana, a significância do seu ofício ultrapassa a remuneração, já que é também uma realização pessoal. Ela explica a Claudia seu arrependimento em não ter estudado quando mais nova, por isso essa oportunidade de trabalho era tão valiosa.

A pressão da família sob as cidadãs era comum nos lares chilenos, e um discurso estatal que impunha que o papel das mulheres era cuidar da casa corrobora e respalda essa pressão. Dessa forma, uma mãe de quatro filhos – um deles bebê –, que não dedicasse completamente sua vida para cuidar da sua prole, era caracterizada como uma mulher que ia contra a sua naturalidade de mãe. Esse raciocínio, ainda que fosse colocado para todos os chilenos, pesava mais sobre a família de classe média, já que as mulheres de classes baixas, em sua maioria, sempre tiveram que trabalhar fora para completar a renda da casa. A novidade naquele momento de um Chile neoliberal, é que com as suscetíveis crises econômicas, muitas cidadãs que antes não precisavam trabalhar tinham que o fazer para garantir que seus filhos não passassem necessidades. Outra razão para as mulheres trabalharem fora ou continuarem no emprego é que seus maridos, quando conseguiam voltar a trabalhar, obtinham salários inferiores aos antigos. Para completar a renda do lar, as esposas buscam o ofício. Essa diminuição salarial é uma prática neoliberal, consequente da falta de regulação estatal conjunta a opressão aos sindicatos.

No século XVIII, consequente da Revolução Industrial, surge o terreno para o avanço do “Direito do trabalho”³¹, onde o operariado era explorado por seus patrões. Esse quadro

29 KIRKWOOD, 1983, p. 16.

30 VALDÉS, 1987, p. 6.

31 CAMPANA, Priscila. **O impacto do neoliberalismo no Direito do Trabalho: desregulamentação**

era consequente do ideal liberal, que defendia um Estado Mínimo nas relações sociais – e a consequência disso para o proletariado, que era o elo mais frágil dessa dualidade, foram as condições deploráveis do ofício, com uma jornada de trabalho longa e exaustiva, e uma remuneração baixíssima. A partir da organização desses operários, que formariam futuramente os sindicatos, houve uma gradual – e lenta – conquista de direitos trabalhistas, que são institucionalizadas apenas no século XX, em um contexto de crise do modelo capitalista. O Estado, nesse momento, garante institucionalmente o Direito do Trabalho.

A partir da década de 1970, com maior predominância nos anos 1980, esse Estado de Bem-Estar Social entra em declínio e é substituído pela doutrina neoliberal em inúmeros países, como o Chile. A autora Priscila Campana explica a concepção dos neoliberais sobre as organizações de trabalhadores: “As origens da crise estavam nos sindicatos e no movimento operário, que prejudicava as bases da acumulação capitalista com suas reivindicações sobre os salários e direitos sociais”³². A autora expõe que a nova doutrina defende um Estado mínimo, que não interferisse no direito do trabalho, potencializando o lucro dos empresários e a evolução do mercado³³. A intervenção estatal no mercado e nas relações trabalhistas poriam entraves ao capital e sua acumulação.

Desse modo, nas décadas de 1970 e 1980, com as duas ondas de privatizações de empresas estatais chilenas, esses empresários vão buscar em primeiro lugar o lucro, e não necessariamente o bem-estar dos trabalhadores. Sem uma regulamentação estatal e sem o apoio sindical, ocorre a perda de direitos trabalhistas e a diminuição dos salários, precarizando ainda mais a vida dos chilenos. O Estado, nesse momento, se abstém, e se enquadra enquanto subsidiário. As famílias chilenas têm de buscar novas maneiras para complementar a renda.

Além disso, o projeto neoliberal diminui os gastos sociais do governo, precarizando a saúde, a previdência e a educação pública, por exemplo³⁴. Para garantir serviços de qualidade aos filhos, as mulheres procuravam uma renda extra. Ana, por exemplo, investe o dinheiro que está ganhando com seu emprego para fazer uma poupança universitária para Anita³⁵. Já no fim da primeira temporada, os Herrera pegam um empréstimo no banco para pagar a faculdade de Cláudia, e se endividam. A matriarca, pensando no futuro dos filhos, percebe que precisa trabalhar para pagar seus estudos.

Ana fica bastante satisfeita em seu novo emprego. Em casa, Félix faz de tudo para deslegitimar a autoridade da babá para os pais, mas isso não funciona, principalmente porque a cuidadora foi indicada por Nancy, amiga próxima da família e madrinha de Anita. Ana está mais arrumada, sempre maquiada e de unha feita, reafirmando padrões de beleza femininos requeridos pela loja. Ela segue bastante satisfeita em seu trabalho, e Juan se conforma com a situação da esposa. Todavia, mesmo que se sinta independente trabalhando, ainda tem que lidar com aspectos do país patriarcal. Como visto acima, ela decide criar uma poupança para

e retrocesso histórico. Revista de Informação Legislativa. Brasília a. 37 n. 147 jul./set.

2000. Páginas 129 a 144.

32 CAMPANA, 2000, p. 133.

33 CAMPANA, 2000, p. 134.

34 GARRAO, 2006, p. 10.

35 Isso ocorre porque ditadura implementa uma reforma universitária, e todas as universidades do país seriam pagas, adicionando um gasto para as famílias chilenas.

Anita, com a finalidade de juntar dinheiro para quando a mesma fizer faculdade. Contudo, quando vai ao banco, é surpreendida com a notícia de que mulheres não podem abrir contas bancárias sozinhas. Para conseguir fazer a poupança, teria que ir junto a seu marido, e o mesmo teria que autorizar a abertura da conta. Isso demonstra claramente que, ainda que as mulheres tivessem adquiridos direitos ao longo dos anos, ainda estavam reféns de um Estado patriarcal, que as limitava institucionalmente.

No fim da terceira temporada, Ana terá novos problemas que a impedirão de seguir sua independência. Cláudia, sua filha mais velha e estudante de medicina, é apaixonada por um militante de esquerda da Frente Patriótica Manuel Rodriguez. A organização é formada a partir de uma dissidência do Partido Comunista, e tinha o objetivo de pôr fim à ditadura militar por meio de ações armadas³⁶. A Frente ganha relevância na segunda metade da década de 1980, em uma atmosfera inúmeros protestos pelo fim da ditadura militar. Os cidadãos estavam insatisfeitos com a violência, censura e as consequências da implementação do neoliberalismo – como a crise econômica de 1982. A série televisiva estudada mostra em seus episódios o ambiente hostil que havia se tornado o Chile, com manifestações que eram violentamente reprimidas pelo governo militar. A obra audiovisual mescla imagens filmadas na época com gravações dos personagens fictícios nesses protestos. Uma das cenas mostra Juan voltando do trabalho, quando se depara com uma manifestação. Passando por ela, é atingido por um forte jato de água, que vem de um caminhão pipa dos militares que visam dispersar os opositores.

Na segunda metade da década de 1980, tal oposição à ditadura militar, refletida em inúmeros movimentos sociais, tem dois protagonistas: os jovens e as mulheres. Apesar de ambos terem centralidade na propaganda ditatorial, naquele momento, consequente dos atos militares – crise econômica, repressão, reformas sociais, desemprego, baixos salários –, eles eram centrais na resistência³⁷. Com o renascimento das manifestações políticas desse momento, há o que a intelectual Sandra Palestro configura como a “politização da crise”³⁸, onde os grupos oprimidos criam consciência do que está acontecendo em volta deles³⁹. Em 1986 há o auge dessa oposição.

De acordo com a autora Sandra Palestro, essas crises econômicas, sociais e políticas decepcionam os chilenos, que foram inflados durante uma década por propagandas publicitárias e discursos do governo de que o país estava seguindo rumo ao progresso⁴⁰. As mulheres, que eram direcionadas a um discurso de “Rainha do Lar”, tinham no cotidiano os desafios do desemprego, baixa remuneração, opressão de gênero, reformas sociais, dupla jornada de trabalho e a ascensão ao trabalho informal. A partir disso, as mesmas se organizam em

36 ALVÁREZ, Rolando. **Arriba los pobres del mundo: Cultura e identidad política del Partido Comunista de Chile entre democracia y dictadura 1965-1990**. Santiago: Editora LOM Ediciones, 2011.

37 PALESTRO, 1991, p. 31.

38 PALESTRO, 1991, p. 33.

39 As políticas econômicas do neoliberalismo atingem os chilenos desde seu início, pois com elas há uma diminuição dos salários reais e eleva-se o número de cidadãos desempregados de maneira relevante. (PALESTRO, 1991, p. 5)

40 PALESTRO, 1991, p. 32.

diversos movimentos sociais de oposição, principalmente as cidadãs de esquerda e *pobladoras*. Nessas organizações, elas compreendem a opressão que sofrem, e vão gradativamente se politizando e se conscientizando de sua condição⁴¹. Elas passam a reivindicar primeiramente a democracia, mas também o fim da opressão de gênero⁴².

Gabriel, militante da Frente Patriótica Manuel Rodríguez e estudante de medicina da mesma universidade de Cláudia, vive um romance com a mesma. Ao longo da terceira temporada os dois se encontram em lugares escondidos, pois o militante está foragido – a partir de sua participação no grupo armado, ele é enquadrado pelos militares como “terrorista”. Em um desses encontros, em um hotel, dois agentes do regime veem Cláudia saindo do estabelecimento, e tiram fotos da mesma. Já que durante a temporada, vários militantes ligados a Gabriel são presos e torturados, o amante de Cláudia percebe o perigo que eles estão passando, e decide se exilar em Mendoza, na Argentina, convencendo a namorada a ir junto a ele.

Abandonar a família e a faculdade de medicina é extremamente difícil para Cláudia, mas ela compreende que é muito perigoso permanecer no Chile. Seu exílio atinge toda a família de inúmeras formas. A série mostra com bastante sensibilidade os agentes do governo indo até a casa dos Herrera, apontando armas para toda a família e perguntando de Cláudia, causando desespero em Juan e Ana, preocupados com os filhos. Esse evento traumatiza todos da família, e a obra televisiva mostra em seus capítulos seguintes como Ana é a mais atingida pelo exílio de Cláudia: a mãe se culpa de ter errado na criação da mesma, e decide deixar seu emprego para cuidar exclusivamente dos filhos, e não se equivocar na educação de nenhum deles. Ademais, ela está sempre preocupada com a segurança da família, com receio de que sejam presos ou agredidos pelos militares. Ana passa a quarta temporada inteira deprimida e apreensiva. Sua situação é preocupante, e seu marido, pensando que poderia lhe ajudar a superar o acontecido, sugere que a mesma volte a trabalhar fora de casa, mas ela nega.

Além disso, Ana passa a rejeitar Cláudia e tudo que lembra ela. A mãe de Martín tira as coisas da filha mais velha de seu cômodo, que vira o quarto de Anita. Ela não fala ao telefone com a exilada, nem responde suas cartas. Quando Cláudia aparece de volta ao Chile, ainda foragida, falha na tentativa de reconciliação com a mãe, pois Ana é fria com a filha.

No fim da quarta temporada, Cláudia desaparece, e seus pais temem pelo pior. Ana, ao ver que a filha está sumida há muito tempo, começa a se arrepender da relação fria que tinha com a mesma nos últimos tempos. É relevante perceber que, novamente, Ana se culpa pelo enredo de vida da filha, colocando toda a responsabilidade do êxito de sua família em si mesma. Juan, como pai, muitas vezes parece ser só um “apoio” para Ana, que é a principal responsável por seus herdeiros. A mãe de Félix, imersa na cultura patriarcal chilena, comete a violência simbólica⁴³ a todo tempo consigo mesma.

41 VALDÉS, 1987, p. 14.

42 PALESTRO, 1991, p. 33.

43 O termo violência simbólica impõe que subordinados – nesse caso, é abordada a dominação masculina – incorporam-se à dominação, cometendo a mesma violência de gênero sofrida em si mesmo ou em outros. Ademais, Soihet afirma que muitas vezes essa dominação é consequente de *compensações*, por exemplo, a mulher que é dona de casa comandar o lar e os filhos, de modo que sente que manda em algo, e não percebe a opressão que sofre da sociedade patriarcal. (SOIHET, 2002, p. 1)

Conclusão

Portanto, é possível entender o contexto vivido por Ana Herrera. Ela, que nasceu em um país tradicionalmente patriarcal, foi ensinada desde sua infância por seus pais e a sociedade de que suas ambições deveriam ser relacionadas a “encontrar um bom marido” e criar bem os filhos.

A ditadura militar chilena, conservadora, ignora a atmosfera ocidental de lutas feministas, e intensifica uma política de opressão às mulheres. Deixam de lado a política de proteção sexual dos anos 1960, por exemplo, e reforçam à elas uma concepção mãe-esposa. Aliados a uma política ideológica repressiva, eles almejam utilizar as cidadãs como ferramenta disseminadora dos valores ditatoriais.

Entretanto, essa imposição militar não era coerente ao que ocorria no Chile na década de 1980. Ana Herrera, que antes era dona de casa, busca um trabalho fora do lar para complementar a renda, já que o salário de seu marido é inferior ao que era antes das crises econômicas dos anos 1980. A política neoliberal impõe isso à muitas mulheres, que vão se inserindo gradativamente no mercado de trabalho. Ademais, nos anos 1980 surgem muitos movimentos contrários ao regime ditatorial, e mulheres e jovens lideram essa oposição, insatisfeitos com o governo vigente.

Cláudia, ao se envolver com um militante da Frente Patriótica Manuel Rodriguez, se coloca em risco, e decide exilar-se na Argentina com seu namorado. Ana, que estava evoluindo em seu emprego, retoma a sua vida de dona de casa e se enquadra no discurso ditatorial, na concepção mãe-esposa, não permitindo que se discuta política em casa. Ao se culpar pelo ocorrido da filha e mudar toda sua rotina em prol de seus outros filhos, Ana demonstra um conflito entre seu crescimento pessoal no emprego e sua concepção de que o futuro dos filhos e sua criação é responsabilidade absoluta sua.

Dessa forma, ainda que haja uma tendência ocidental em direção a libertação feminina, a estrutura machista – reforçada pela ditadura – ainda oprimia as mulheres, que sofriam as consequências no lar, no mercado de trabalho e no dia a dia, como é possível ver a partir da visão do diretor da série *Los 80, más que una moda*.

Referências Bibliográficas

ALVÁREZ, Rolando. **Arriba los pobres del mundo**: Cultura e identidad política del Partido Comunista de Chile entre democracia y dictadura 1965-1990. Santiago: Editora LOM Ediciones, 2011.

CAMPANA, Priscila. O impacto do neoliberalismo no Direito do Trabalho: desregulamentação e retrocesso histórico. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 37 n. 147 jul./set. 2000. Páginas 129 a 144.

PINTO, Céli R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. V. 18, No 36:

páginas 15-23. Jun. 2010.

CHATEAU, Manuel Gárate. *La revolución capitalista de Chile (1973-2003)*. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2012.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, 2 edição.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Rio de Janeiro: Artenova, c1977. p. 172

GARRAO, Andrea Z. **La Mujer como sujeto de la violencia de género durante la dictadura**. Santiago, 2006.

HUNEEUS, Carlos. **El régimen de Pinochet**. Santiago: Editorial Sudamericana, 2000.

ISLA, Pablo. **Dictadura Militar y Construcción identitaria**: La categoría “mujer chilena”. 2017.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 20

MARTINS, Carlos Eduardo. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. Editorial Boitempo, São Paulo, 2011.

MELLER, Patricio. **Un Siglo de Economía Política Chilena (1890-1990)**. Santiago, Editorial Andrés Bello, 1998, pp. 176-177.

PALESTRO, Sandra. **Mujeres en movimiento, 1973-1989**. Santiago: FLACSO, 1991.

ROHRAANN, Alicia; VALDÉS, Teresa. “DEMOCRACY IN THE COUNTRY AND IN THE HOME”: THE WOMEN’S MOVEMENT IN CHILE. Documento de Trabajo FLACSO - **Programa Chile Serie Estudios Sociales Nº 55**. Santiago, diciembre de 1993.

SOIHET, R. . História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História** - Ensaios de Teoria e Metodologia. 1a.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-311.

SOIHET, Rachel. “Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? ”. In **Feminismos e antifeminismos**: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. **Projeto História**, nº25, “corpo

& cultura” N° 25. São Paulo: educ Editora da PUC-SP, dez/2002 - ISSN 0102-4442 - páginas: 269-289

VALDÉS, Teresa. **Las mujeres y la dictadura militar en Chile**. Chile : FLACSO, 1987.

VALDES, Teresa. **El movimiento social de mujeres y la producción de conocimientos sobre la condición de la mujer**. Santiago: FLACSO,1993. 221 p. ;29 cm.

VALDÉS, Teresa, Weinstein, Marisa. **Mujeres que sueñan: las organizaciones de pobladoras: 1973-1989**. Santiago: FLACSO, 1993.

VALDÉS, Teresa. Mujeres y Derechos Humanos: Menos Tu Vientre. **Estudios Sociales**, No 8. Santiago: Flacso, 1990.

VALDÍVIA, Veronica. Estamos en guerra señores. El regimen militar de Pinochet y el Pueblo,1973- 1980. **HISTORIA**, n. 43, vol. I, enero-junio 2010: 163-222.

VALDÍVIA, Veronica. “¿Las mamitas de Chile? El sexo y las mujeres durante la dictadura pinochetista”. In: Julio Pinto (Editor) **Mujeres: Historias chilenas del siglo XX**. Santiago, Lom Ediciones, 2010.

WINN, Peter. **A revolução chilena**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.